

Capítulo 2

*Avaliação de
Cultivares e Híbridos
de Bananeiras*

AVALIAÇÃO DE CULTIVARES E HÍBRIDOS DE BANANEIRAS

Edson Shigueaki Nomura
Luís Alberto Saes

Introdução

A bananeira (*Musa spp.*), pertencente à família Musaceae, é uma das fruteiras mais comuns nos países tropicais e seu fruto um dos mais consumidos no mundo. Há vários anos o Brasil se destaca entre os principais produtores mundiais de banana, com uma produção em 2008 de cerca de 7,1 milhões de toneladas, cultivados em, aproximadamente, 514 mil ha (FAOSTAT, 2010). Deste total de frutos produzidos no País, a maioria foi comercializada no mercado interno e somente 1,9% do total foi exportado (IBRAF, 2009; IBGE, 2010), sendo a banana a segunda fruta mais consumida no Brasil.

No Estado de São Paulo, a maior área em extensão com o plantio de bananeiras concentra-se na região do Vale do Ribeira, com cerca de 37 mil ha (65% do Estado) e produção de, aproximadamente, 871 mil toneladas da fruta (71% do Estado) no ano de 2008 (IBGE, 2010).

O interesse pelo cultivo de bananeiras tem crescido consideravelmente nas últimas três décadas por apresentar rápido retorno do capital investido e fluxo contínuo de produção a partir do primeiro ano de cultivo, o que o torna atraente para os agricultores (AGRIANUAL, 2006). A cultura da banana também tem

grande importância no aspecto social, constituindo importante fonte de renda dos pequenos e médios produtores e da alimentação da população de baixa renda.

A Sigatoka Negra constitui um dos fatores limitantes da produção de banana em todas as partes do mundo. A doença ocorre nas folhas provocando estrias marrons e manchas necróticas negras, que reduzem os tecidos fotossintetizantes, provocando amarelhecimento precoce dos frutos no cacho e, conseqüentemente, perdas dos rendimentos brutos.

Com a entrada da Sigatoka Negra nos bananais paulistas, a doença poderá prejudicar grande parte dos pequenos e médios produtores, principalmente os da região do Vale do Ribeira, que não possuem recursos financeiros e, conseqüentemente, não podem implementar todas as tecnologias disponíveis para o controle da doença. Uma das alternativas para esses pequenos produtores e para melhorar o controle da doença na região é a utilização de cultivares de bananeiras resistentes ou tolerantes, sendo a estratégia ideal do ponto de vista econômico e de preservação do meio ambiente, principalmente para regiões onde a bananicultura é caracterizada pelo baixo nível de adoção de tecnologias e com baixo retorno econômico (GASPAROTTO *et al.*, 2002).

Descrição de híbridos e cultivares

'Grande Naine' (Subgrupo Cavendish AAA)

Este cultivar é um mutante da 'Nanica', surgido na Martinica, e introduzida no Brasil, em 1970, pelo Dr. João A. Martinez.

Em avaliação realizada no ano de 2009 no Polo Apta Vale do Ribeira, Pariquera-açu, SP, o porte da planta variou de 246 ± 7 cm de altura, com pseudocaule vigoroso e resistente ($22,1 \pm 0,8$ cm de diâmetro a 30 cm acima do nível do solo).

As plantas apresentam cachos de forma cônica, as pencas da primeira metade do cacho têm as almofadas curtas e as bananas são menos curvas do que as da banana 'Nanica', o que facilita o acondicionamento na caixa de embalagem.

É um dos cultivares mais plantadas para a comercialização internacional. Seu porte menor do que a bananeira 'Nanicão' reduz os efeitos danosos dos fortes ventos. Entretanto, as perdas por ter as últimas pencas fora do padrão são grandes, mas para compensar este defeito, chega-se a retirar até as últimas três pencas. A massa fresca média do cacho é de 16,2 kg (Fig. 1).

Apresenta-se suscetível à Sigatoka Amarela (*Mycosphaerella musicola*) e Negra (*Mycosphaerella fijiensis*) e resistente ao mal-do-Panamá (*Fusarium oxysporum* f. sp. *cubense*).

'Prata Anã' ou 'Enxerto' (Subgrupo Prata AAB)

O cultivar 'Enxerto' (AAB) é uma mutação do cultivar 'Branca'. O nome se deve ao fato da bananeira ser visualmente parecida com a bananeira 'Nanicão' e seu cacho semelhante ao da bananeira 'Prata'. O pseudocaule, pecíolo e nervura principal apresentam coloração verde-clara e brilhante e as folhas têm coloração verde-amarelada.

A inflorescência se apresenta em posição de 45° , seu engajo é verde-avermelhado, bastante vigoroso, o que contrasta muito com as bananas que, no início, têm um lento desenvolvimento. As pencas se inserem bem juntas, tendo pedúnculo pequeno. O coração é muito inchado, podendo-se dizer que é um dos maiores entre as bananas comestíveis (Fig. 2).

As bananas apresentam frequentemente, depois da granação, manchas acinzentadas nas cascas causadas pelo fungo *Cladosporium musae*. Por vezes, em regiões mais frias e com elevada umidade relativa do ar ou em períodos com baixa temperatura, este fungo se desenvolve e chega a provocar infecções, que acabam produzindo manchas muito intensas, que prejudicam a sua comercialização.

Em condições mais tropicais, este cultivar tem demonstrado diminuição de sua tolerância pelo Mal-do-Panamá. Apresenta baixa tolerância à Sigatoka Amarela e suscetibilidade à Sigatoka Negra.

'Pacovan' (Subgrupo Prata AAB)

Resultante de uma mutação da 'Prata' comum, atualmente é o cultivar mais plantado no Norte e Nordeste do País. Possui porte

alto (6,0 a 7,0 m) e os cachos são cônicos, com massa fresca de 16 kg e 7,5 pencas, em média. Os frutos são grandes, com quinhas salientes (mesmo quando maduros) e casca grossa. Pesam 122 g em média, e apresentam sabor menos intenso que a Prata. É susceptível às Sigatocas Amarela e Negra e ao Moko (*Ralstonia solanacearum*), moderadamente susceptível ao Mal-do-Panamá, medianamente resistente aos nematoides (*Radopholus similis*, *Helicotylenchus* spp., *Meloidogyne* spp., *Pratylenchus* spp.) e à broca das bananeiras (*Cosmopolites sordidus*). É sujeita ao tombamento pela ação dos ventos.

'Nanicão IAC 2001' (Subgrupo Cavendish AAA)

Esse cultivar foi selecionado pelo Instituto Agrônomo, pelo Dr. Raul S. Moreira. Apresenta altura média entre 2,5 e 4,0 m e o diâmetro do pseudocaule a 30 cm acima do nível do solo varia de 24 a 26 cm e a 100 cm, de 22 a 24 cm.

Cacho com formato quase cilíndrico, sendo que as bananas já granadas ficam com suas extremidades distais voltadas para cima. O massa fresca do cacho varia de 21 a 23 kg e número de pencas de 8 a 9 (Fig. 3).

A casca da fruta é de coloração amarela clara e a polpa é um pouco farinácea e de cor levemente creme, cujo paladar é menos adocicado que o da 'Nanicão' comum.

Seu fruto é três vezes mais rico em vitamina C do que a 'Nanicão' comum. Após a climatização, conserva-se cerca de 4 a 5 dias a mais que a 'Nanicão' comum.

É considerado resistente à Sigatoka Amarela, pois na colheita apresentaram até 8 folhas vivas e sem sinais de necrose de Sigatoka Amarela, o que permite afirmar que ela é altamente tolerante, porém não imune. Segundo MOREIRA (1999), este cultivar apresenta média tolerância à Sigatoka Negra, sendo imune ao Mal-do-Panamá e suscetível ao Moko. Apresenta ainda baixa tolerância ao ataque da broca das bananeiras e do nematoide cavernícola (*Radopholus similis*).

'Ouro' (Grupo AA)

O cultivar 'Ouro' é cultivado nas encostas úmidas, porém não encharcadas, localizadas onde a temperatura diurna seja alta e a noturna seja baixa.

Seu pseudocaule varia de 3,5 a 4,0 m de altura, apresenta coloração amarelo brilhante quase sem cerosidade, manchas negras esparsas e irregularmente distribuídas por todo ele. A planta produz poucos "perfilhos", que crescem bem junto ao rizoma.

Os cachos são leves, tendo de 10 a 12 pencas, com um número de 18 a 24 bananas nas primeiras e 8 a 10 nas últimas. As bananas são normalmente pequenas, com 10 a 12 cm de comprimento. A casca é bem fina e macia, porém muito fibrosa, o que dificulta o início de seu descascamento. A polpa é bem amarelada, macia, firme, bastante doce, sem nenhum gosto de amido.

A broca das bananeiras ataca muito esse cultivar, causando problemas de tombamento, enquanto que os nematoides raramente a

atacam e. Não apresenta nenhuma resistência à Sigatoka Amarela, sendo, provavelmente, o cultivar mais atacado por esta enfermidade. Entretanto, tem se mostrado muito tolerante à Sigatoka Negra.

'Figo' (Subgrupo Figo ABB)

Esse cultivar é utilizado e consumido principalmente frito, cozido ou para produção de compotas, devido ao seu alto teor de amido. Não é indicado para fabricação de bananadas. Apresenta pouca resistência ao Mal-do-Panamá, o que torna necessário que ele seja sempre bem adubado, a fim de se procurar retardar o desenvolvimento desta moléstia.

O cultivar 'Figo' cinza se apresenta com o porte de 3,5 m a 4,0 m, com suas últimas folhas caindo como "cansadas". O pseudocaulé é verde claro bem uniforme. O cacho apresenta engajo com 60 a 80 cm, tendo de 6 a 8 pencas que, por se inserirem perpendicularmente na ráquis e bem distanciadas, dão a impressão de formarem leques em diferentes níveis. As bananas chegam a 20 cm de comprimento quase retas e formam pencas com 12 a 14 frutas.

É tolerante às Sigatokas Amarela e Negra, sendo bastante atacado pela broca das bananeiras e pelos nematoides, sendo necessário um rigoroso controle.

'Terra' (Subgrupo Terra AAB)

Esse cultivar é utilizado principalmente para consumo frito ou cozido, devido a seu alto teor de amido. Para serem fritas, as bananas não devem estar muito

maduras, para não haver encharcamento com a gordura. São também utilizadas para produção de compotas.

O porte da planta varia de 3,5 a 4,0 m de altura e o pseudocaulé é de coloração verde claro bem uniforme. O cacho apresenta cerca de 6 a 8 pencas que, por se inserirem perpendicularmente na ráquis e bem distanciadas, dão a impressão de formarem leques em diferentes níveis. Cada penca possui de 12 a 14 frutos e os frutos atingem até 20 cm de comprimento.

Este cultivar tem pouca resistência ao Mal-do-Panamá e à broca das bananeiras.

'Maçã' (Grupo AAB)

Este cultivar tem seu pseudocaulé com o porte de 3,5 a 4,0 m de altura e diâmetro de 30 a 35 cm na sua base. A massa fresca do cacho varia de 10 a 12 kg, distribuídos em 6 a 8 pencas. As pencas se inserem na ráquis bem distanciadas umas das outras, sendo que as primeiras apresentam em média 18 bananas e as últimas de 6 a 8. O comprimento dos frutos varia de 10 a 18 cm. A polpa é levemente adocicada, muito macia, quase farinácea e de coloração branca.

É um dos cultivares de menor tolerância ao Mal-do-Panamá e por isso precisa ser bem fertilizada com Zn, Ca, Mg e P. Ele tem sido usado como cultura de desbravamento no interior do Brasil, pois seu período de produção é muito curto, limitando-se de 3 a 5 colheitas, devido a essa enfermidade fúngica. Seu plantio deve ser feito sempre em áreas que nunca foram cultivadas com bananeiras,

e recomenda-se utilizar mudas micropropagadas em laboratório.

'Mysore' (Grupo AAB)

O cultivar 'Mysore' foi introduzido no Brasil em fevereiro de 1968, pelo pesquisador Raul S. Moreira, do Instituto Agronômico.

Seu pseudocaule tem de 5,0 a 5,5 m de altura, com coloração parda avermelhada e impregnado de esparsas manchas escuras, quase pretas. O cacho possui cerca de 15 a 18 pencas e é formado por bananas com 13 a 16 cm de comprimento nas primeiras pencas e com 8 a 10 cm nas últimas.

O cacho tem em média massa fresca de 12,0 kg, mas em boas condições de cultivo pode chegar a mais de 20,0 kg (Fig. 4). O cacho é compacto e longo, de onde saem as pencas com 18 a 24 bananas nas primeiras e com 6 a 8 nas últimas.

A casca, quando verde, tem a tonalidade verde-oliva, mais escura do que as folhas. Ao amadurecer, as bananas ficam com uma coloração amarelo-canário. A polpa é amarelada quase como a da banana 'Ouro' e levemente ácida, o que torna difícil sua digestão. A casca é quase tão delicada quanto a da banana 'Maçã'.

É altamente resistente às Sigatocas Amarela e Negra, aos nematoides, à broca das bananeiras e ao Mal-do-Panamá. Entretanto, por este material estar contaminado com o vírus BSV, recomenda-se que todas as bananeiras do cultivar 'Mysore' sejam substituídas, para que elas não contaminem outros cultivares. Caso o produtor tenha interesse em cultivá-lo, deve substituí-lo por

um mutante, chamado 'Thap Maeo', mais produtivo e que não apresente bananas mal formadas.

'Thap Maeo' (Grupo AAB)

Esse cultivar foi selecionada pela Embrapa Mandioca e Fruticultura, em Cruz das Almas, BA. Variante da 'Mysore', ele apresenta pseudocaule menos manchado, mais vigoroso e cachos maiores.

A capacidade produtiva varia de 30 a 35 t.ha⁻¹, quando cultivada em solos de boa fertilidade em condições de sequeiro, usando as práticas culturais recomendadas para a cultura. Quando cultivado em solos de baixa fertilidade na região Amazônica, apresenta um bom grau de rusticidade, com produtividade na faixa de 25 t.ha⁻¹.

Apesar de rústica, recomenda-se que seu cultivo seja feito em solos profundos, bem drenados e realizando as adubações de rotina.

Em avaliação realizada no ano de 2009 na APTA Polo Vale do Ribeira, Pariquera-Açu, SP, esse cultivar apresentou porte alto (407 ± 7 cm), diâmetro do pseudocaule a 30 cm acima do nível do solo de 24,4 ± 0,6 cm, ciclo vegetativo variou de 329 ± 16 dias e médio perfilhamento (2,5 ± 0,6). A massa fresca do cacho pode atingir até 35 kg (Fig. 5), com cerca de 12,4 ± 0,6 pencas com até 209 ± 13 frutos/cacho.

Possui alta resistência às Sigatocas Amarela e Negra e ao Mal-do-Panamá, moderadamente resistente à broca das bananeiras e ao nematoide cavernícola.

'Caipira' ou 'Yangambi' (Grupo AAA)

Esse cultivar foi introduzido no Brasil pela EMBRAPA Mandioca e Fruticultura, cuja origem é da África Ocidental. É uma planta rústica, com pseudocaule verde-amarelo-pálido, com manchas escuras próximas à roseta foliar. As folhas são eretas e estreitas, com margens dos pecíolos avermelhadas.

Em avaliação realizada no ano de 2009 no Polo do Vale do Ribeira, Pariquera-Açu, SP, este híbrido apresentou plantas altas (390 ± 26 cm), ciclo vegetativo de 412 ± 41 dias, perfilhamento abundante ($5,0 \pm 0,6$ perfilhos). O cacho tem a forma cilíndrica e varia de $14,4 \pm 2,8$ kg de massa fresca e com até 8 pencas (Fig. 6). A ráquis masculina é desprovida de brácteas. Os frutos, curtos e grossos, possuem sabor levemente adocicado, podendo ser consumidos *in natura* ou processados artesanal e industrialmente na forma de farinha e doces.

Esse cultivar apresenta resistência às Sigatokas Amarela e Negra e ao Mal-do-Panamá.

'Nam' ou 'Prata Baby' (Grupo AAA)

Introduzida da Tailândia, a planta apresenta porte alto, variando de 2,8 a 3,5 m de altura, de pseudocaule vigoroso e resistente. A massa fresca do cacho varia de 12 a 19 kg em condições normais de produção. Os frutos são retos, grossos e tamanho variando de 11 a 14 cm de comprimento (Fig. 7).

Apresenta alta tolerância às Sigatokas Amarela e Negra e ao Mal-do-Panamá.

'Prata Zulú' (Subgrupo Prata AAB)

Coletado pelo Dr. Raul S. Moreira em Angola em 1987, esse cultivar recebeu esse nome em homenagem à raça da pessoa que lhe forneceu a planta e pela impossibilidade de conseguir pronunciar sua denominação regional. O pseudocaule é de coloração verde levemente amarelado, seus frutos não chegam a ser tão longos como os de uma excelente banana tipo 'Prata'.

A planta apresenta porte alto, ciclo vegetativo de 401 dias, bom perfilhamento, cacho com massa fresca de 20 a 25 kg e com mais de 10 pencas (Fig. 8).

Os frutos apresentam o pedúnculo rígido, o que lhes confere resistência ao despencamento, característica esta que permite transporte a longas distâncias. Ao se descascar a banana, sua casca se solta delicadamente da polpa. Ela é um pouco mais doce, mais branca e macia do que a 'Prata' e conserva-se em boas condições de consumo depois de madura, por 3 a 5 dias a mais. É uma banana delicada, que exige cuidados no seu manuseio.

É altamente resistente às Sigatokas Amarela e Negra e suscetível ao Mal-do-Panamá, a broca das bananeiras e ao nematoide cavernícola.

'Fhia 1' (híbrido AAAB)

Desenvolvida em 1988 pela Fundación Hondureña de Investigación Agrícola (FHIA), é uma bananeira tipo 'Prata'.

A planta mede entre 2,5 e 3,5 m de altura. O cacho é ligeiramente

inclinado e assimétrico. Os frutos possuem coloração verde e são retos até a ponta.

A média da massa fresca do cacho é de 19,0 kg, com um número de frutos por cacho variando de 130 a 160 (Fig. 9). O peso dos dedos individuais oscila entre 192 e 220 g.

Apresenta média tolerância à Sigatoka Amarela e tolerância à Sigatoka Negra e ao Mal-do-Panamá.

'Fhia 2' (híbrido AAAA)

Introduzido da Fundación Hondureña de Investigación Agrícola (FHIA), este híbrido é do tipo Cavendish (Williams x SH33-93).

Em avaliação realizada no ano de 2009 no Polo do Vale do Ribeira, Pariquera-açu, SP, apresentou altura da planta entre $269,6 \pm 7,6$ cm e vigorosa, com pseudocaule cilíndrico (diâmetro de $21,3 \pm 0,5$ cm). A massa fresca do cacho variou de $14,2 \pm 2,2$ kg, com $110,6 \pm 4,0$ frutos por cacho em $7,6 \pm 1,0$ pencas (Fig. 10).

Apresenta resistência às Sigatocas Amarela e Negra e suscetibilidade ao Mal-do-Panamá.

'Fhia 17' (híbrido AAAA)

Este híbrido é uma bananeira do tipo Gros Michel desenvolvido em 1989. Consume-se como fruta fresca e os frutos maduros têm sabor parecido ao da Gros Michel. Em Honduras encontra-se em produção comercial em fazendas, em cultivo orgânico, por sua moderada resistência à Sigatoka Negra, o que permite uma boa produção sem o uso de fungicidas.

Em avaliação realizada no ano de 2009 no Polo do Vale do Ribeira,

Pariquera-açu, SP, apresentou altura da planta entre $348,5 \pm 4,5$ cm, plantas vigorosas com pseudocaule cilíndrico (diâmetro de $29,8 \pm 0,5$ cm) e folhas decumbentes. O cacho é cilíndrico e massa fresca do cacho variou de $36,8 \pm 4,8$ kg, com $201,5 \pm 8,4$ frutos por cacho em $12,1 \pm 0,3$ pencas, com frutos de cor verde claro, semicurvados, de $23,8 \pm 0,5$ cm de comprimento e $38,1 \pm 1,2$ mm de diâmetro. O tempo do plantio até o florescimento varia de 360 ± 11 dias. O primeiro ciclo produtivo, ou seja, do florescimento à colheita varia de 177 ± 12 dias. A fruta madura é de cor amarelo claro e a polpa é de cor creme.

Este híbrido é tolerante a Sigatoka Negra e resistente ao Mal-do-Panamá. É moderadamente resistente aos nematoides. Por sua tolerância às principais doenças, este híbrido pode ser cultivado em sistema orgânico e pode ser uma boa alternativa para agricultura de subsistência, já que não necessita de aplicações de fungicidas nem tecnologia sofisticada (Fig. 11)

Ao amadurecer, a casca tem uma coloração amarelo claro bastante atrativa, com uma textura da polpa suave e cremosa, de cor creme claro com sabor parecido aos das variedades Cavendish, mas com sabor de Gros Michel. Adicionalmente ao seu consumo em forma fresca, a banana madura pode bem ser usada como purê para alimento de crianças. Também é recomendado seu uso em salada de frutas, porque ao cortar em rodela, não oxida como as variedades de bananas comerciais do grupo Cavendish.

'Fhia 18' (híbrido tetraploide AAAB)

Desenvolvido pela Fundación Hondureña de Investigación Agrícola (FHIA), apresenta sabor semelhante ao da bananeira 'Prata Anã'.

Em avaliação realizada no ano de 2009 no Polo do Vale do Ribeira, Pariquera-açu, SP, a altura da planta variou de $277,3 \pm 5,9$ cm, com pseudocaule vigoroso e resistente (diâmetro de $21,6 \pm 0,5$ cm). O tempo do plantio até o florescimento variou de 283 ± 9 dias e o tempo do florescimento até a colheita variou de 161 ± 10 dias.

A massa fresca média do cacho varia de 19 a 25 kg, com 120 a 160 frutos por cacho em 8 a 10 pencas (Fig. 12). A fruta ao amadurecer apresenta a casca com coloração amarela muito atraente, com textura da polpa suave e cor creme. A banana madura pode ser usada como purê para alimento de crianças.

Apresenta média tolerância à Sigatoka Amarela, resistência à Sigatoka Negra e, de acordo com as informações técnicas do boletim da Fundación Hondureña de Investigación Agrícola, esse cultivar apresenta-se como altamente tolerante ao Mal-do-Panamá.

'Pacovan ken' (híbrido AAAB)

Este híbrido do tipo Prata é resultante do cruzamento do cultivar 'Pacovan' com o híbrido diplóide M53 (AA). O nome Ken é uma homenagem ao seu criador, Dr. Kenneth Shepherd, consultor do Programa de Melhoramento Genético da Bananeira por treze anos (1981-1994), em Cruz das Almas, BA.

Em avaliação realizada no ano de 2009 no Polo do Vale do Ribeira, Pariquera-açu, SP, o pseudocaule apresentou muito vigoroso ($24,4 \pm 0,7$ cm de diâmetro a 30 cm acima do nível do solo), de coloração verde-escuro e com manchas escuras. O porte da planta é muito alto ($402,6 \pm 23,2$ cm). O cacho apresentou massa fresca entre $14,6 \pm 3,4$ kg e os frutos são grandes ($20,8 \pm 0,4$ cm de comprimento e $35,4 \pm 1,2$ mm de diâmetro) e quinados, maiores do que os da banana 'Pacovan' (Fig. 13).

Apresenta resistência as Sigatokas Amarela e Negra e ao Mal-do-Panamá. Não há informações suficientes sobre sua reação à broca das bananeiras e nematoides, mas pode-se dizer que não há grandes diferenças em relação à 'Pacovan'.

'Tropical' (híbrido AAAB)

Este híbrido é resultante de cruzamento da variedade Yangambi nº 2 com o híbrido diplóide M53 (AA), de porte médio a alto, criado pela Embrapa Mandioca e Fruticultura, em Cruz das Almas, BA.

Em avaliação realizada no ano de 2009 no Polo Vale do Ribeira, Pariquera-açu, SP, as plantas apresentaram porte alto ($367,6 \pm 15,2$ cm), pseudocaule vigoroso e resistente ($27,1 \pm 0,9$ cm de diâmetro a 30 cm acima do nível do solo). A massa fresca do cacho variou de $10,2 \pm 2,5$ kg e os frutos são maiores e mais grossos do que a banana 'Maçã' ($16,6 \pm 0,4$ cm de comprimento e $34,4 \pm 1,7$ mm de diâmetro), com sabor semelhante ao da banana 'Maçã'

(Fig. 14). Apresenta-se resistente à Sigatoka Amarela e tolerante ao Mal-do-Panamá. Não é resistente a Sigatoka Negra.

'Bucanero' (híbrido AAAA)

Esse híbrido é do tipo Gros Michel, derivado de Highgate.

Em avaliação realizada no ano de 2009 no Polo do Vale do Ribeira, Pariquera-açu, SP, o porte da planta é médio a alto ($295,6 \pm 6,1$ cm) e pseudocaule vigoroso ($23,4 \pm 0,6$ cm a 30 cm acima do nível do solo). A massa fresca do cacho variou de $12,9 \pm 1,1$ kg, porém pode atingir valores maiores se for realizado o controle contra a Sigatoka Negra. O tamanho dos frutos variou de $20,1 \pm 0,6$ cm de comprimento e $28,4 \pm 2,0$ mm de diâmetro. (Fig. 15).

Apresenta resistência ao Mal-do-Panamá e pouca resistência à Sigatoka Negra.

'Caprichosa' (híbrido AAAB)

Resultante do cruzamento entre 'Prata Comum' (AAB) x diploide M-53 (AA). Foi desenvolvida pela EMBRAPA Mandioca e Fruticultura, Cruz das Almas, BA e lançada em 2004.

O híbrido 'Caprichosa' (PC42-01) apresenta porte alto, possuindo resistência ao despencamento, os frutos possuem sabor adocicado, com acidez semelhante aos do cultivar 'Prata' comum. Podem produzir entre 35 e 50 t.ha⁻¹.ano⁻¹, sendo seu rendimento agrônômico de três a cinco vezes superior ao da 'Prata' comum.

É resistente as Sigatokas Amarela e Negra e tolerante ao Mal-do-Panamá.

'Garantida' (híbrido AAAB)

Resultante do cruzamento entre 'Prata São Tomé' (AAB) e o diploide M-53 (AA), foi desenvolvida pela Embrapa Mandioca e Fruticultura, Cruz das Almas, BA e lançada em 2004.

Em avaliação realizada no ano de 2009 no Polo do Vale do Ribeira, Pariquera-açu, SP, apresentou porte da planta muito alto ($409,1 \pm 13,3$ cm) e pseudocaule vigoroso ($23,0 \pm 1,2$ cm de diâmetro à 30 cm acima do nível do solo). Produziu cachos de $12,7 \pm 1,2$ kg, com $6,5 \pm 0,4$ pencas e $85,1 \pm 3,1$ frutos/cacho. O tamanho dos frutos variou de $19,3 \pm 0,4$ cm de comprimento e $31,9 \pm 0,6$ mm de diâmetro (Fig. 16).

Apresenta resistência as Sigatokas Amarela e Negra e ao Mal-do-Panamá.

'Maravilha' (Híbrido AAAB)

O híbrido 'Maravilha' (Fig. 17) é resultante do cruzamento do cultivar 'Prata-Anã' (AAB) com o diploide SH3142 (AA), criada na Fundación Hondureña de Investigación Agrícola (FHIA), sendo introduzida, avaliada e selecionada na Embrapa Mandioca e Fruticultura, em Cruz das Almas, BA.

Em avaliação realizada no ano de 2009 no Polo do Vale do Ribeira, Pariquera-açu, SP, a altura da planta variou de $330,8 \pm 18,5$ cm e pseudocaule bastante vigoroso ($24,8 \pm 1,7$ cm de diâmetro a 30 cm acima do nível do solo). A massa fresca do cacho variou de $12,9 \pm 1,4$ kg, porém pode atingir valores maiores, pois nesta avaliação foram cultivados sem controle contra a Sigatoka Negra. Apresenta resistência ao mal-do-Panamá e pouca resistência a Sigatoka Negra.

Referências

AGRIANUAL 2006. *Anuário estatístico da agricultura Brasileira*. São Paulo: FNP Consultoria & Comércio, 2006. 504p.

FAOSTAT. Agricultural data. Disponível em: <<http://faostat.fao.org>>. Acesso em: 9 jan. 2010.

FUNDACIÓN HONDUREÑA DE INVESTIGACIÓN AGRÍCOLA. Banano FHIA 01. Série híbridos FHIA. Programa de Banano y Plátano, San Pedro Sula: Cortés, 4p. Disponível em: <http://www.fhia.org.hn/downloads/info_hibridos/fhia-01.pdf>. Acesso em: 20 out. 2008.

FUNDACIÓN HONDUREÑA DE INVESTIGACIÓN AGRÍCOLA. Banano FHIA 18. Série híbridos FHIA. Fundación Hondureña de Investigación Agrícola. Programa de Banano y Plátano, San Pedro Sula, Cortés, Honduras. 4p. Disponível em: <http://www.fhia.org.hn/downloads/info_hibridos/

[fhia-18.pdf](#)>. Acesso em: 20 out. 2008.

GASPAROTTO, L.; PEREIRA, J.C.R.; PEREIRA, M.C.N. Manejo integrado de doenças da bananeira. In: WORKSHOP SOBRE PRAGAS E DOENÇAS DE CULTIVOS AMAZÔNICOS, 1., 2002, Belém. *Anais*. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2002.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

IBRAF. Instituto Brasileiro de Frutas. Disponível em: <<http://www.ibraf.org.br/estatisticas/Exportação/ComparativoExportacoesBrasileiras2008-2007.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2009.

MOREIRA, R.S. *Banana – teoria e prática de cultivo*. 2.ed. São Paulo: Fundação Cargill, 1999. 1 CD-ROM.

FIGURAS



Fig. 1 - Planta com cacho da bananeira 'Grande Naine'.

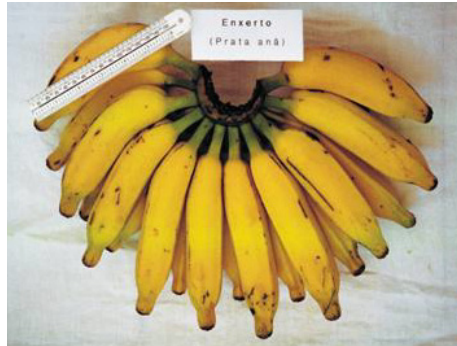


Fig. 2 - Planta com cacho e penca da bananeira 'Prata-Anã'.



Fig. 3 - Plantas com cacho da bananeira 'Nanicão IAC 2001'.

Avaliação de Cultivares e Híbridos de Bananeiras.



Fig. 4 - Planta com cacho e cacho da bananeira 'Mysore'.



Fig. 5 - Planta com cacho, penca e fruto da bananeira 'Thap Maeo'.



Fig. 6 - Planta com cacho, penca e fruto do híbrido 'Caipira'.



Fig. 7 - Planta com cacho da bananeira 'Nam'.

Avaliação de Cultivares e Híbridos de Bananeiras.



Fig. 8 - Planta com cacho, penca e fruto da bananeira 'Prata Zulú'.



Fig. 9 - Cacho, penca e fruto do híbrido 'FHIA 1'.

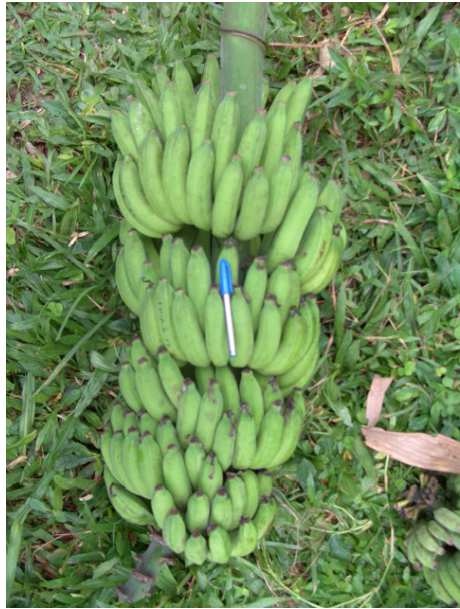


Fig. 10 - Planta com cacho, cacho, penca e fruto do híbrido 'FHIA 2'.

Avaliação de Cultivares e Híbridos de Bananeiras.



Fig. 11 - Planta com cacho, cacho, penca e fruto do híbrido 'FHIA 17'.



Fig. 12 - Planta com cacho, cacho, penca e frutos do híbrido 'FHIA 18'.

Avaliação de Cultivares e Híbridos de Bananeiras.



Fig. 13 - Planta com cacho, penca e fruto da bananeira 'Pacovan Ken'.



Fig. 14 - Planta com cacho da bananeira 'Tropical'.



Fig. 15 - Penca e fruto da bananeira 'Bucanero'.



Fig. 16 - Planta com cacho, penca e fruto da bananeira 'Garantida'.



Fig. 17 - Cacho, penca e fruto da bananeira 'Maravilha'.